

## FRANZ BRENTANO E A DESCRIÇÃO PSÍQUICA DO SENTIMENTO ESTÉTICO: BREVES CONSIDERAÇÕES

Evandro O. Brito<sup>1</sup>

*Vera philosophiae methodus nulla alia nisi scientiae naturalis est.*<sup>2</sup>

*Boni et pulchri notiones sic inter se differunt, ut bonum id quod expetendum, pulchrum autem, cujus apprehensio expetenda sit dicamos.*<sup>3</sup>

**RESUMO:** O propósito deste trabalho é explicitar os pontos fundamentais da proposta brentaniana de fundamentação da estética, à luz da sua 24<sup>a</sup> Tese de Habilitação, anunciada do seguinte modo: "os conceitos de bom e de belo se diferem na forma como denominamos algo bom, na medida em que é desejável, e belo na medida em que sua aparência é desejável". Tal proposta baseia-se no fato de que Franz Brentano recepcionou e reformulou o método psicológico para (1) descrever a percepção do sentimento estético como um *fenômeno psíquico*, bem como (2) introduzir o conceito de *intencionalidade* para descrever as relações entre as partes constituintes de tal *fenômeno psíquico*. Resulta, portanto, desses dois fatos, que as relações entre os dois *modos dos atos emotivos* (*aprezer e desprezer*) e os dois *modos de existência* (*estética*) dos correlatos das apresentações explicitariam a hierarquia existente entre os tipos de relações sentimentais dadas imediatamente na percepção interna.

**Palavras-chave:** Franz Brentano. Psicologia descritiva. Psicologia empírica. Sentimento estético.

**ABSTRACT:** The aim of this paper is to explain the fundamental points of Brentano's proposal for the foundation of aesthetics, in the light of his 24<sup>th</sup> *Habilitation Thesis*, announced as follows: "the concepts of good and beautiful differ in the way we call something good insofar as it is desirable, and beautiful insofar as its appearance is desirable". This proposal is based on the fact that Franz Brentano took up and reformulated the psychological method to (1) describe the perception of aesthetic feeling as a *psychic phenomenon*, and (2) introduce the concept of *intentionality* to

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Professor da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) junto ao Departamento de Filosofia (DEFIL) e ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9072-4472>.

<sup>2</sup> O verdadeiro método da filosofia não é outro senão aquele das ciências naturais.

<sup>3</sup> Os conceitos de bom e de belo se diferem na forma como denominamos algo bom, na medida em que é desejável, e belo na medida em que sua aparência é desejável.

describe the relationships between the constituent parts of this *psychic phenomenon*. It follows, therefore, from these two facts, that the relations between the two *modes of emotive acts (pleasure and displeasure)* and the two *modes of existence (aesthetic)* of the correlates of the presentations would make explicit the hierarchy existing between the types of sentimental relations given immediately in internal perception.

**KEYWORDS:** Franz Brentano. Descriptive psychology. Empirical psychology. Aesthetic sentiment.

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho filosófico de Franz Brentano (1838-1917) foi marcado por um lema anunciado ainda no momento da defesa de suas famosas *25 Teses de Habilitação* (1866). Entre elas, a 4ª Tese sustentava que o “verdadeiro método da filosofia não é outro senão aquele das ciências naturais” (BRENTANO, 2017, p. 161; 2023, p. 23). Durante toda sua vida, Brentano defendeu uma concepção científica de filosofia ao advogar em favor da adoção de um único método científico rigoroso e filosoficamente fundamentado. Este compromisso pode tornar surpreendente que, nas suas reflexões sobre estética, Brentano tenha rejeitado firmemente a definição clássica de estética como ciência do belo. No entanto, como sustenta Huemer (2017, p. 202), isto não deve ser lido como uma expressão de desinteresse pela - ou uma rejeição da - estética. Trata-se, pelo contrário, da expressão do ponto de vista de Brentano relativamente à posição da estética nas várias versões de seu programa de pesquisa filosófico.

É verdade que Brentano (1973a, p. 6) definiu a estética - ao lado da lógica e da ética - não como uma ciência teórica, mas como uma disciplina prática com seus fundamentos na *Psicologia descritiva*. Nesse sentido, sustentava ele:

- I. A estética não é constituída por um conjunto de proposições intrinsecamente relacionadas.
- II. Ela tem o objetivo prático de instruir aqueles que querem experimentar o belo com um gosto correto ou criar obras de arte.
- III. A tarefa da estética é, por outras palavras, formular um conjunto de regras ou instruções que nos ensinam a experimentar corretamente o belo:

- a. não só a preferir o mais belo ao menos belo,
- b. mas também como criar a beleza e como produzir obras de arte, as quais têm o poder de provocar prazer estético no observador.

No entanto, e ainda que efetivamente Brentano tenha definido a estética em função do seu *telos*, o ponto fundamental estava no fato de que ela sempre dependeu do sucesso dos resultados de seu programa de pesquisa, bem como da plausibilidade das recorrentes reformulações propostas para a sua *Psicologia descritiva*. É nesse sentido, ou seja, à luz das partes constituintes da estrutura dos atos psíquicos, que a 24ª *Tese de Habilitação* de Brentano deve ser analisada, uma vez que ela anunciou os conceitos fundamentais da estética brentaniana do seguinte modo: “os conceitos de bom e de belo se diferem na forma como denominamos algo bom, na medida em que é desejável, e belo na medida em que sua aparência é desejável” (BRENTANO, 2017, p. 162; 2023, p. 32).

A tarefa própria colocada por aquilo que poderíamos chamar de estética fundamentada no programa de pesquisa brentaniano foi, portanto, uma investigação sobre o sentimento estético a partir das possibilidades de descrição da estrutura dos atos psíquicos de sentimento, nos termos de sua *Psicologia descritiva*. Nesse sentido, a constituição da estética como disciplina prática seria dependente e, portanto, uma consequência do sucesso do próprio programa de pesquisa brentaniano, o qual asseguraria sua fundamentação filosófica.

No que se segue, trataremos de explicitar os pontos fundamentais dessa proposta brentaniana de fundamentação da estética.

## 2 ESCRITOS SOBRE ESTÉTICA

Brentano não se ocupou efetivamente de publicações sobre estética ao longo de sua vida. Sua produção específica sobre o tema reduz-se apenas a dois textos curtos que discutem problemas estéticos específicos, ambos baseados em manuscritos de conferências apresentadas a um público amplo. O primeiro deles, intitulado *O Gênio (Das Genie)* foi apresentado na Câmara da Associação de Engenheiros e Arquitetos de Viena e o segundo, intitulado *O Mal como objeto de representação poética (Das Schlechte als Gegenstand dichterischer Darstellung)* foi

apresentado na Sociedade dos Amigos da Literatura de Viena. Ambos os textos foram publicados por Brentano ainda em vida, em 1892, pela editora Dunker e Humblot em Leipzig. Além desses dois trabalhos, o tema foi tratado indiretamente nos textos publicados sobre psicologia e ética, sobretudo para indicar a posição da estética no seu programa filosófico de pesquisa.

É preciso ressaltar, no entanto, que uma tentativa de edição sem muito sucesso foi desenvolvida em 1959 por Franziska Mayer-Hillebrand. Tal como esclarece a análise de Huemer (2017, p. 203-204), ela editou uma coletânea dos escritos de Brentano sobre estética em um volume intitulado *Esboço de Estética (Grundzüge der Ästhetik)*. A coletânea continha - para além dos dois textos acima mencionados - as notas de aula de Brentano preparadas para o curso *Questões selecionadas de psicologia e estética (Ausgewählte Fragen aus Psychologie und Ästhetik)*, o qual ele lecionou ao menos duas vezes, em meados da década de 1880, na Universidade de Viena, bem como pequenos esboços sobre a beleza, sobre representações de valor, sobre a classificação das artes e sobre música. Acerca desse trabalho editorial de Mayer-Hillebrand, no entanto, é preciso considerar a crítica difundida entre os brentanianos, pois há consenso de que as alterações editoriais introduzidas por Mayer-Hillebrand comprometeram a possibilidade de compreensão de vários textos de Brentano e, entre eles, os textos sobre estética.

Ao que parece, sugere Heumer (2017, p. 203), Mayer-Hillebrand estava sobretudo interessada em tornar tais textos sobre estética acessíveis a um público mais vasto numa forma compacta, o que infelizmente teve uma forte influência nos critérios editoriais adotados. Em vez de apresentar uma edição crítica, Mayer-Hillebrand tomou a liberdade de cortar, rever e emendar os textos. Com isso, sua esperança de tornar os textos menos fragmentários e transmitir melhor o que ela pensava serem as intenções de Brentano resultaram exatamente no oposto. Infelizmente, ela não achou necessário indicar as mudanças textuais ou torná-las reconhecíveis como tal.

A posição *Standard* entre os brentanianos, críticos ao trabalho editorial de Mayer-Hillebrand, sustenta que um olhar mais atento aos escritos de Brentano sobre estética pode revelar que seu objetivo não era desenvolver uma teoria estética sistemática, ou mesmo abrangente, mas se tratava de fornecer os

fundamentos teóricos de sua *Psicologia*, sobre os quais o trabalho futuro neste domínio viesse a ser fundamentado. Em favor dessa hipótese estão os comentários de Edmund Husserl às conferências de Brentano sobre estética, uma vez que ele as assistiu em 1885-1886. Husserl (1919) descreveu o curso como muito estimulante porque, ao contrário de outros cursos de Brentano que frequentou (cursos de filosofia prática, lógica e metafísica), não criava a impressão de que Brentano pretendia apresentar verdades e teorias finais, mas antes mostrar os problemas no fluxo da investigação.

Do exposto, Huemer sugere que Brentano não tinha uma teoria estética elaborada para apresentar, mas estava antes interessado em refletir sobre as relações entre psicologia e estética (como o título das conferências sugere) e provavelmente a convidar jovens investigadores a tomar o seu trabalho fundacional como base sobre a qual erigir as suas próprias teorias estéticas (HUEMER, 2017, p. 203, 208). Esta hipótese de Huemer encontra solo fértil e plausibilidade no modo como Brentano desenvolveu seu programa de pesquisa, intitulado inicialmente como *Phänomenologie*, ao longo de sua conturbada vida acadêmica, bem como na maneira como orientou a continuidade de suas investigações nas investigações de seus orientandos (FRÉCHETTE, 2021, p. 556-557). No entanto, a curta vida acadêmica de Brentano, bem como a impossibilidade de orientar pesquisas e coordenar investigações em Viena a partir de 1880, limitou a possibilidade do desenvolvimento desse aspecto prático do seu projeto estético. Portanto, apenas o projeto de fundamentação da estética na *Psicologia* é o que efetivamente se encontra delineado na *Phänomenologie* de Brentano.

### **3 O PONTO DE PARTIDA FUNDAMENTAL DA INVESTIGAÇÃO ESTÉTICA**

Heumer utiliza a metáfora da direção, ou seja, “uma estética a partir de baixo”, para especificar o modo como Brentano concebeu a fundamentação da estética na *Psicologia descritiva*. Neste sentido, a metáfora tem a função de apontar para o fato de que a fundamentação da estética se valeu do mesmo método utilizado por Brentano na fundamentação de sua psicologia empírica, ou seja, em uma abordagem descritiva baseada numa versão original do método psicológico, a qual

se sustentava na evidência da percepção interna (2017, p. 207). Por isso, afirmava Brentano que:

Todo trabalho verdadeiramente belo é um tipo de descoberta científica [...]. No entanto, uma nova beleza dificilmente pode ser revelada por dedução exata, mas sempre pela experiência interna, uma vez que a respectiva apresentação (*Vorstellung*) esteja efetivamente formada (BRENTANO, 1959, p. 24).

Ao assumir essa perspectiva de fundamentação da estética por meio do *método psicológico*, o ponto de partida brentaniano estava na possibilidade de descrever o ato de apresentar<sup>4</sup> uma obra de arte experienciada como verdadeiramente bela, pois o *método psicológico* garantiria a descrição, (i) não apenas da experiência estética que teria por base o ato de apresentar seu respectivo objeto, mas também e imediatamente (ii) a descrição da consciência dessa mesma experiência estética, a qual se dava por meio da percepção interna. Neste sentido, compreende-se também a seguinte citação de Brentano:

Se algo será belo ou não e, em caso afirmativo, em que grau, não pode ser deduzido com base em prazeres elementares que são fundamentados na experiência, e que são combinados de uma maneira específica, mas deve ser testado pela experiência direta (BRENTANO, 1959, p. 23).

Acerca do exposto, é preciso reconhecer que a plausibilidade da proposta brentaniana de fundamentação estava sustentada em duas características de seu programa de pesquisa:

- I. O modo original da recepção brentaniana do *método psicológico*;
- II. O papel central exercido pela *percepção interna* no interior da versão brentaniana do *método psicológico*.

No que se segue, apresentaremos uma sistematização desses dois pontos acima definidos a partir de uma perspectiva histórico-filosófica da especificidade da recepção brentaniana do *método psicológico*.

---

<sup>4</sup> Sob a orientação de Federico Boccaccini, a quem sou grato, decidi traduzir o termo alemão *Vorstellung* por *apresentação* e o verbo *vorstellen* por *apresentar* a fim de reintroduzir o substantivo e o verbo raramente utilizados, sobretudo nas traduções brasileiras de textos filosóficos para língua portuguesa, os quais podem garantir a exata compreensão do sentido apresentado por Brentano no texto original. Algumas aplicações que justificam essa proposta de tradução foram apresentadas em trabalhos anteriores (BRITO, 2022 e BRITO, prelo) e serão retomadas nas seções seguintes.

#### 4 MÉTODO PSICOLÓGICO E PRINCÍPIO DE IMANÊNCIA (PI)

A fundamentação da estética no programa de pesquisa de Brentano pode ser delineada a partir dos critérios originais da recepção brentaniana do método psicológico e sua conseqüente reformulação do princípio de imanência (PI). No entanto, como demonstra Porta nos recentes trabalhos intitulados *Brentano y el Método psicológico* (2018) e *Sobre el término 'psicologismo': una consideración histórica* (2021), o ponto de partida está em reconhecer que:

I. É conceitual e histórico-filosoficamente mais adequado entender a noção de método psicológico de um modo neutro, como tese que faz da psicologia a disciplina fundamental da filosofia (e que não reduz a segunda à primeira) (PORTA, 2021, p. 247).

Além disso:

II. O que é característico da relação de Brentano com o método psicológico é que, ao mesmo tempo em que Brentano retoma seus elementos, ele os desenvolve, os aprofunda e, em suma, produz algo essencialmente novo (PORTA, 2018, p. 337).

Por isso, o trabalho de investigação histórica de Porta (2018, p. 337-339) pode ser sistematizado em três teses fundamentais, as quais agregam individualmente o conjunto de premissas que embasava a reconstrução brentaniana do método psicológico, bem como sua proposta de estruturação da filosofia como Psicologia descritiva. Vejamos:

1) Três teses (T1, T2, T3) fundamentais da filosofia brentaniana encontravam-se na base das propostas do *método psicológico* desde sua recepção no âmbito germânico.

a) T1: *O verdadeiro método da filosofia não é outro que o da ciência natural.*

i. T1 pressupõe que Brentano dá continuidade a uma tradição já em curso no âmbito germânico.

1. Isso significa que há na doutrina de Brentano dois pontos em comum com o método psicológico vigente no âmbito germânico:

- a. O inimigo, que em Brentano certamente se estende do idealismo especulativo ao idealismo como um todo, incluindo o kantiano.
  - b. A proposta positiva, ou seja, o fundar a filosofia como ciência por meio da experiência, tomando o método da *Naturwissenschaft* como modelo.
- ii. T1 pressupõe ainda que não meramente as teses, mas inclusive seus modos específicos são germânicos:
1. Isso significa que a filosofia deve seguir o método da *Naturwissenschaft* e, portanto, implica ao mesmo tempo:
    - a. uma reflexão sobre a noção de “empirismo” adequada à ciência empírica.
- b) T2: *A psicologia é a disciplina básica da filosofia.*
- i. T2 pressupõe que o próprio e específico do método da *Naturwissenschaft* e que, na concepção brentaniana, portanto, deve ser incorporado à filosofia por meio da psicologia:
    1. não é a construção matemática,
    2. mas o se adequar à natureza de seu objeto.
  - ii. T2 pressupõe que no caso da psicologia esta adequação implica que:
    1. para ser ciência empírica, esta experiência é caracteristicamente descritiva e não indutiva.
    2. Brentano adere assim à tendência majoritária do empirismo psicológico alemão, o qual desde Fries se diferencia do empirismo inglês e sua eventual culminação em Mill.
  - iii. T2 pressupõe que o empirismo germânico não entende o indutivismo como sua consequência necessária.

iv. T2 pressupõe que o empirismo de Brentano radicaliza o método psicológico ao fazer dele um procedimento exclusivamente descritivo. Isso implica que:

1. Não apenas distingue a percepção externa da percepção interna, mas fundamenta a análise descritiva com essa última.

2. O psíquico passa a ser caracterizado pela intencionalidade, sua propriedade intrínseca, e não mais pelo seu modo de acesso.

v. T2 pressupõe que a Psicologia descritiva passa a ser compreendida como psicologia do ato (*Aktpsychologie*).

c) T3: Ao vincular os pressupostos de T1 e T2, T3 sustenta a originalidade da recepção brentaniana do *Princípio de imanência* (PI):

i. T3 pressupõe que o Princípio de imanência (PI) exerce um papel essencial na base do argumento que leva à fundamentação da filosofia na psicologia, sem que a primeira se reduza a esta última.

ii. T3 pressupõe que o Princípio de imanência (PI) é a tese cartesiano-lockeana de que os únicos objetos diretos e imediatos da consciência são suas próprias apresentações (*Vorstellungen*, *ideas*).

1. Isso significa, portanto, que é exatamente no modo como se dá a recepção e reformulação do Princípio de imanência (PI) que a originalidade de Brentano se evidencia,

a. Ou seja, tal reformulação de (PI) constrói o fundamento filosófico para que os atos de apresentar (*Vorstellungen*), ou *ideas* no sentido de Descartes, sejam percebidas como fenômenos psíquicos encontrados na base dos atos de juízos e atos de sentimentos (e, portanto, dos atos de sentimentos estéticos).

Todos os pontos apresentados a partir dessa sistematização histórica permitem compreender a originalidade do modo como Brentano recepcionou o *método psicológico* e, ao mesmo tempo, valeu-se do conceito de *intencionalidade*

para reformular o conceito fundamental do *princípio de imanência* (PI) nele pressuposto.

O ponto fundamental estava em reconhecer que tal possibilidade de descrição dos *fenômenos psíquicos*, garantida por essa psicologia do ato (*Aktpsychologie*), não se fundava no modo de acesso a tais *fenômenos psíquicos*, mas na sua propriedade intrínseca fundamental, a saber, a *intencionalidade* que os constituíam, pois esta propriedade radicalizava o *introspectivismo* ao permitir a descrição da apreensão imediata dos *fenômenos psíquicos* pela percepção interna (Porta, 2018, p. 339).

Em outras palavras, na medida em que a *intencionalidade* se constituía na possibilidade de descrever a relação entre *as partes* e *o todo* da consciência, e no caso específico da consciência estética, tal descrição explicitava a fundamentação epistemológica da filosofia brentiana por meio da reafirmação dos dois pontos seguintes:

- a) a primazia da percepção interna frente à percepção externa, em função do modo de direção e apreensão em *recto* e *oblíquo* característico da *relação intencional*.
- b) O *ponto de vista* filosoficamente empírico da psicologia brentiana, ou seja, o empirismo de Brentano em sua radicalidade.

A originalidade presente nessa reformulação permitiu, ainda, que os *fenômenos psíquicos* fossem agrupados em três classes e redefinidos como *apresentações*, *juízos* e *sentimentos*. A fundamentação brentiana da estética ocupou-se dos sentimentos, enquanto terceira classe de *fenômenos psíquicos*. Vejamos os detalhes que levaram a esse ponto.

## 5 MÉTODO PSICOLÓGICO E FENÔMENOS PSÍQUICOS

Geralmente, a clássica passagem da *Psicologia a partir de um ponto de vista empírico* (1874) é o ponto arquimediano para as análises do programa de pesquisa de Brentano em todas as suas versões que antecedem a virada ao reísmo. Ela não apenas apresenta a definição de *fenômenos psíquicos* a partir dos pressupostos

brentanianos do *método psicológico*, como estrutura a possibilidade de fundamentação da psicologia, ética e estética de Brentano. Vejamos.

Todo *fenômeno psíquico* está caracterizado por aquilo que os escolásticos da idade média chamaram de in-existência intencional (ou mental) de um objeto e que nós chamamos, se bem que com expressões não inteiramente inequívocas, a *referência a um conteúdo*, a *direção a um objeto* (pelo qual não se deve entender aqui uma realidade), ou a *objetividade imanente*. Todo *fenômeno psíquico* contém algo em si como seu objeto, ainda que nem todos do mesmo modo: na *apresentação* há algo *apresentado*; no *juízo* há algo *admitido ou rechaçado*; no *amor*, *amado*; no *ódio*, *odiado*; no *apetite*, *apetecido* etc. (BRENTANO, 1973b, p. 124-125,).

Uma análise dessa citação sob a ótica do *método psicológico* brentariano revela que, para a fundamentação da estética, os seguintes pontos estavam estabelecidos pelo programa de pesquisa de Brentano:

- a) A possibilidade de descrição da totalidade dos *fenômenos psíquicos* e sua distinção em três classes: (i) apresentações ou atos de apresentar; (ii) juízos ou atos de julgar; (iii) sentimentos ou atos de amar e odiar, atos de aprazer e desprazer.
- b) A especificação da sua estrutura simples (atos de *apresentação* que se dirigem aos seus correlatos) ou estrutura complexa (atos de juízo ou sentimento que possuem *apresentações* como base e a ela se dirigem) dos *fenômenos psíquicos*, conforme o caso:
  - a. Apresentação: ato de apresentar =(dirigido ao)=> conteúdo/objeto apresentado.
  - b. Juízo: ato de julgar =(dirigido à)=> apresentação (ato de apresentar = (dirigido ao)=> conteúdo/objeto apresentado)
  - c. Sentimento: ato de apetecer/desapetecer =(dirigido à)=> apresentação (ato de apresentar = (dirigido ao) => conteúdo/objeto apresentado).
- c) A possibilidade de descrição do sentimento estético como um *fenômeno psíquico* complexo de terceira classe. Em outras palavras, tal como o sentimento moral, o sentimento estético concebido por Brentano estava caracterizado como um *ato psíquico complexo* e, portanto, sua descrição

distinguia suas partes e, ao mesmo tempo explicitava as relações *intencionais* que elas mantinham entre si.

a. Sentimento estético:

- i. ato de apetecer/desapetecer (algo como belo ou como feio) = (dirigido à) => apresentação (ato de apresentar = (dirigido ao) => conteúdo/objeto apresentado).

É importante ressaltar, novamente, o papel fundamental que a *percepção interna* exercia, enquanto base da *intencionalidade* brentiana. Isso significava que a percepção do *sentimento estético* como *fenômeno psíquico* seria a garantia do valor (belo ou feio) do objeto/conteúdo, pois tal objeto/conteúdo se encontrava na base do *sentimento estético* apenas como correlato do ato de *apresentação*. Em outras palavras, o ponto de partida brentiano não estava no estatuto ontológico do objeto (belo ou feio), mas no estatuto “epistemologicamente” (*intencionalmente*) intrínseco ao próprio *fenômeno psíquico*, bem como nas relações intencionais entre as suas *partes* e o *todo*.

Vejamos esquematicamente a estrutura de cada uma das partes constituintes do sentimento estético enquanto *fenômeno psíquico*.

## 6 O FENÔMENO PSÍQUICO FUNDAMENTAL: PRESENTAÇÃO

No sentido brentiano do termo, e como já foi sustentado em trabalhos anteriores (BRITO, 2022 e Prelo), *apresentação*<sup>5</sup> seria a classe mais fundamental de atos mentais percebidos de modo imediato como *fenômenos psíquicos* e sua originalidade exige alguns esclarecimentos, como bem demarca Boccaccini (2021, p. 255-256) em sua análise sobre a tradução do termo ‘*Vorstellung*’ por ‘*presentazione*’ para a língua italiana<sup>6</sup>.

- i. Em Brentano esta classe de atos mentais é análoga àquela da simples nomeação de uma coisa no plano da linguagem.

<sup>5</sup> Conferir Figueiredo (2010): “(a) Apresentar v. t. O mesmo que apresentar. (Lat. *praesentare*). (b) Apresentação f. O mesmo que apresentação” (p. 1616); “(c) Apresentar v. t. Tornar presente, pôr à vista. (Lat. *praesentatio*). (d) Apresentação f. Acto de apresentar. (B. lat. *apresentactio*)” (p. 168).

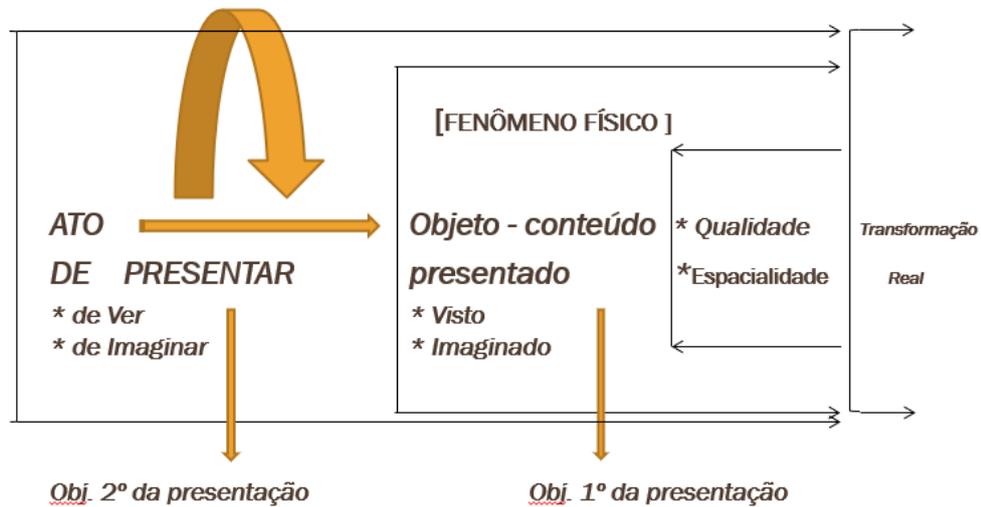
<sup>6</sup> Sobre esta interpretação, cf. BOCCACCINI (2019, p. 356-373).

- ii. Brentano, portanto, usa *Vorstellung* para se referir a algo que se manifesta à consciência, no sentido de estar diante da mente:
  - a. no sentido de algo que está presente, colocado na frente (*stellen vor*) da consciência;
  - b. e não no sentido de estar na mente, ou seja, um estado interno ou conteúdo mental do sujeito ou do seu pensamento.
- iii. Por *Vorstellung* Brentano entende todos os fenômenos mentais em que o objeto está simplesmente presente para nós, o objeto aparece sem qualquer atitude nossa:
  - a. são todas as apresentações sensíveis, sejam simples sensações;
  - b. mas também as apresentações amnésicas ou ficcionais, e noéticas ou apresentações conceituais.
- iv. Portanto, o estatuto elementar e fundador da *Vorstellung* na psicologia de Brentano não deriva necessariamente da sua origem sensorial, mas:
  - a. deriva, em primeiro lugar, da sua função de identificar ou 'apresentar' o objeto do ato mental (cujo objeto pode ser de natureza não sensível, por exemplo um objeto matemático ou teológico).
- v. Uma *Vorstellung* não é, portanto, apenas a 'impressão sensível' da tradição empirista clássica.
- vi. Por esta razão, a escolha de traduzir *Vorstellung* com 'presentazione' quer sublinhar como este conceito em Brentano representa um ato da mente em linha com a tradição aristotélico-tomista e não uma representação mental, noção mais próxima da linha cartesiano-lockeana da filosofia moderna.

Dessa caracterização proposta por Boccaccini, e uma vez que ela define não só as *apresentações* sensíveis, mas também as *apresentações amnésicas ou ficcionais* e as *apresentações* noéticas ou conceituais. uma esquematização possível seria a seguinte:

*Todo fenômeno psíquico contém algo em si como seu objeto,  
ainda que nem todos do mesmo modo: na apresentação há algo apresentado*

### FENÔMENOS PSÍQUICO: PRESENTAÇÃO



Tal como sistematizamos em Brito (2022, p. 60), descrever uma *apresentação*<sup>7</sup>, ou seja, um *ato de apresentar* um objeto apresentado, foi o resultado fundamental alcançado por Brentano na recepção do método, pois tal descrição constituiu a *apresentação* como aquele *fenômeno psíquico* que se encontrava, como parte, na base dos *fenômenos psíquicos* de juízo e sentimento. Vejamos também uma esquematização possível de cada um deles.

## 7 Um fenômeno psíquico de segunda classe: o juízo verdadeiro

<sup>7</sup> A importância fundamental do termo '*apresentação*' para a definição brentaniana de *fenômeno psíquico* é evidente na seguinte citação: "Mas queremos tentar dar uma explicação do *fenômeno psíquico* de outra forma e mais uniforme. Para este fim, temos uma definição que já utilizamos, dizendo que pelo nome de *fenômenos psíquicos* designamos as *apresentações*, bem como todos aqueles fenômenos para os quais as *apresentações* formam a base. Que não entendemos por *apresentação* aqui o que é *apresentado*, mas sim o *apresentar*, dificilmente precisa de comentário. Este *apresentar* forma a base não só do julgar, mas também do desejar, assim como de qualquer outro *ato psíquico*. Nada pode ser julgado, nada pode ser desejado, nada pode ser esperado ou temido se não for *apresentado*. Assim, a definição dada engloba todos os exemplos de *fenômenos psíquicos* recém apresentados e, em geral, todos os fenômenos pertencentes a este campo) (BRENTANO, 2008a, p. 97, tradução e grifos nossos).

Recorrer à descrição de um ato de juízo verdadeiro para esclarecer, por meio de uma analogia, a descrição de um ato de sentimento foi uma das estratégias adotada pelo próprio Brentano em seu trabalho intitulado *Origem do conhecimento moral* (1889). É fundamental observar que o *fenômeno psíquico* descrito, nos termos do *método psicológico* formulado por Brentano, é o juízo verdadeiro. Esse é o ponto fundamental que, herdado de Lotze, pressupõe o *princípio do contexto*. Em outras palavras, o *método psicológico* garantiria que o *todo* percebido como *fenômeno psíquico* fosse descrito a partir das relações entre suas partes constituintes (ato de julgar, ato de apresentar, correlato apresentado, modo de ser do correlato apresentado, verdade ou falsidade etc.).

Em Brito (2022, p. 61-67) apresentamos o modo como Brentano se valeu da sua formulação do *método psicológico* para descrever (e caracterizar as partes intencionalmente relacionadas) dos três tipos fundamentais de juízos<sup>8</sup>:

- a. Juízos apodícticos, ou seja, aqueles atos de julgar uma apresentação, cujo correlato apresentado é algo necessário (ou impossível).
- b. Juízos assertóricos, ou seja, aqueles atos de julgar uma apresentação, cujo correlato apresentado é algo real.
- c. Juízos problemáticos, ou seja, aqueles atos de julgar uma apresentação, cujo correlato apresentado é algo possível.

Para os propósitos desse trabalho, basta que nos ocupemos da descrição dos juízos assertóricos, pois ela fornece a analogia para a descrição *intencional* do sentimento estético (experienciado efetivamente na contemplação de uma bela obra de arte), o qual fundamentaria a estética na filosofia do psíquico de Brentano.

É próprio dos juízos assertóricos que eles sejam constituídos de coisas reais (*reales Dinge*) como uma de suas partes. Por isso, afirmava Brentano, “quando nós

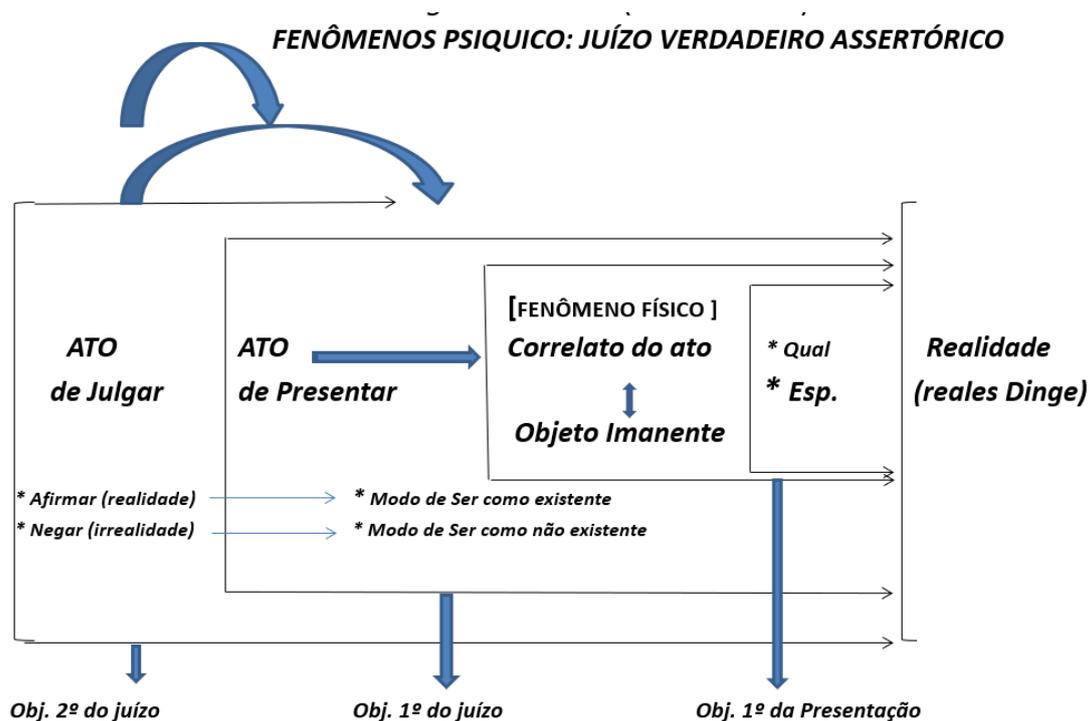
---

<sup>8</sup> Analisaremos nosso ponto a partir da relação entre o juízo e coisa real (ein reales Ding), tal como extraordinariamente propôs o próprio Brentano no livro “Sobre o conceito de verdade” (2014), onde o ponto fundamental estava em reconhecer que o objeto imanente, enquanto correlato do ato de apresentar, o qual é o ato de base em todo ato de julgar, não é sempre uma coisa real (ein reales Ding). Em suas palavras, “nós não pensaremos, como alguns ingenuamente o fazem, que onde se reconhece uma verdade é preciso comparar uma coisa real (ein reales Ding) com um juízo. Eles não suspeitam que, no juízo, não se trata sempre de coisas reais (reales Dinge) e, além disso, também não percebem que, ainda onde é esse o caso, a coisa real já deveria ter sido reconhecida como tal por mim, para que a comparação de uma coisa real e um juízo seja possível. Essa teoria nos levaria a uma *regressio ad infinitum* (BRENTANO, 2014, p. 68).

perguntarmos, no entanto, pela relação da verdade com a realidade (*Realität*), assim resulta simplesmente o seguinte, a partir do fundamento das nossas reflexões” (2014, p. 65):

Para uma parte dos juízos verdadeiros existe, como dizemos, uma relação direta de sua verdade com algo real (*etwas Realem*). São aqueles nos quais a *apresentação* que serve de base para o juízo tem um conteúdo real (*realen Gehalt*). É claro que a verdade do juízo afirmativo e, no sentido contrário, a verdade do juízo negativo são condicionadas pela subsistência, aparição ou desaparecimento da referente realidade (*Realität*). Sem que o juízo mesmo seja modificado, frequentemente o juízo adquire ou perde sua verdade se, para além dele, a referente realidade (*Realität*) é produzida ou destruída (BRENTANO, 2014, p. 65).

Formulada nos termos acima, a descrição brentaniana do juízo assertórico, ou seja, daquele tipo de juízo em que a coisa julgada é real, pode ser ilustrada conforme o diagrama abaixo.



O fundamental a ser observado nessa esquematização é o fato que a descrição brentaniana do juízo assertórico distinguiu os *dois modos de julgar* e os relacionou aos *dois modos de ser do objeto imanente apresentado* como conteúdo da apresentação. Vejamos.

- i. Por um lado, o juízo pôde referir-se à apresentação de dois modos distintos, ou seja, o ato de julgar uma apresentação foi descrito por Brentano como:
  - a. Ato de afirmar.
  - b. Ato de negar.
- ii. Por outro lado, a própria apresentação, que estaria na base do ato de julgar, seria também um ato dirigido ao objeto imanente, ou conteúdo, apresentado. Assim, o modo de Ser do objeto imanente, enquanto conteúdo, foi descrito de dois modos distintos:
  - a. Modo de ser como existente.
  - b. Modo de ser como não-existente.
- lii. Ao descrever as quatro relações possíveis entre os dois modos de se referir e os dois modos de ser, Brentano explicitou a origem do conceito de verdade e falsidade:
  - a. Verdadeiro:
    - i. Ato (de julgar) que afirma o existente.
    - ii. Ato (de julgar) que nega o não-existente.
  - b. Falso:
    - i. Ato (de julgar) que afirma o não-existente.
    - ii. Ato (de julgar) que nega o existente.

Nas palavras de Brentano, e lembrando que seu ponto fundamental estava no fato de que o *método psicológico* garantiria a possibilidade da percepção do juízo verdadeiro como um *fenômeno psíquico*, bem como das relações entre suas partes constituintes, as especificidades dos modos de existência dessas partes também foram explicitadas.

O domínio para o qual a forma afirmativa de julgar é apropriada, nós o chamamos então domínio do existente (*Existierenden*). Um conceito que deve, certamente, ser distinguido de conceitos tais como coisal (*Dinglichen*), consistente (*Wesenhaften*) e real (*Realen*). O domínio para o qual a forma negativa de julgar é apropriada, nós o chamamos domínio do não existente (*Nichtexistierenden*). (...) Nós chegamos a um análogo exato do que representa a concordância do juízo verdadeiro com seu objeto (*Gegenstande*) ou com a existência (*Existenz*) e não existência (*Nichtexistenz*) de seu objeto (*seines Gegenstandes*) (BRENTANO, 2014, p. 72).

Esse foi, portanto, o modo como Brentano apresentou as relações entre as partes e o todo da consciência, quando se tratava da descrição de todo ato de julgar uma coisa real, fosse tal ato verdadeiro ou falso.<sup>9</sup>

Para os propósitos desse trabalho, no entanto, basta agora apresentar a analogia utilizada por Brentano para descrever os atos de sentimentos (estéticos, no nosso caso), pois tal descrição orientada pelo *método psicológico* se caracterizava como a fundamentação da estética na filosofia do psíquico proposta pelo programa de pesquisa de Franz Brentano.

## **8 Um fenômeno psíquico de terceira classe: o sentimento estético**

Valendo-se de uma comparação por analogia, Brentano pôde adotar a descrição mereológica das relações entre *as partes* e *o todo* da segunda classe de fenômenos psíquicos, ou seja, dos fenômenos psíquicos percebidos como atos de julgar, para descrever as relações entre *as partes* e *o todo* da terceira classe de fenômenos psíquicos. Nesta terceira classe, portanto, caracterizada como a classe dos fenômenos psíquicos emotivos, estavam os sentimentos estéticos percebidos imediatamente como atos emotivos de aprazer ou desprazer, os quais conteriam uma apresentação de um objeto apresentado como belo ou feio.

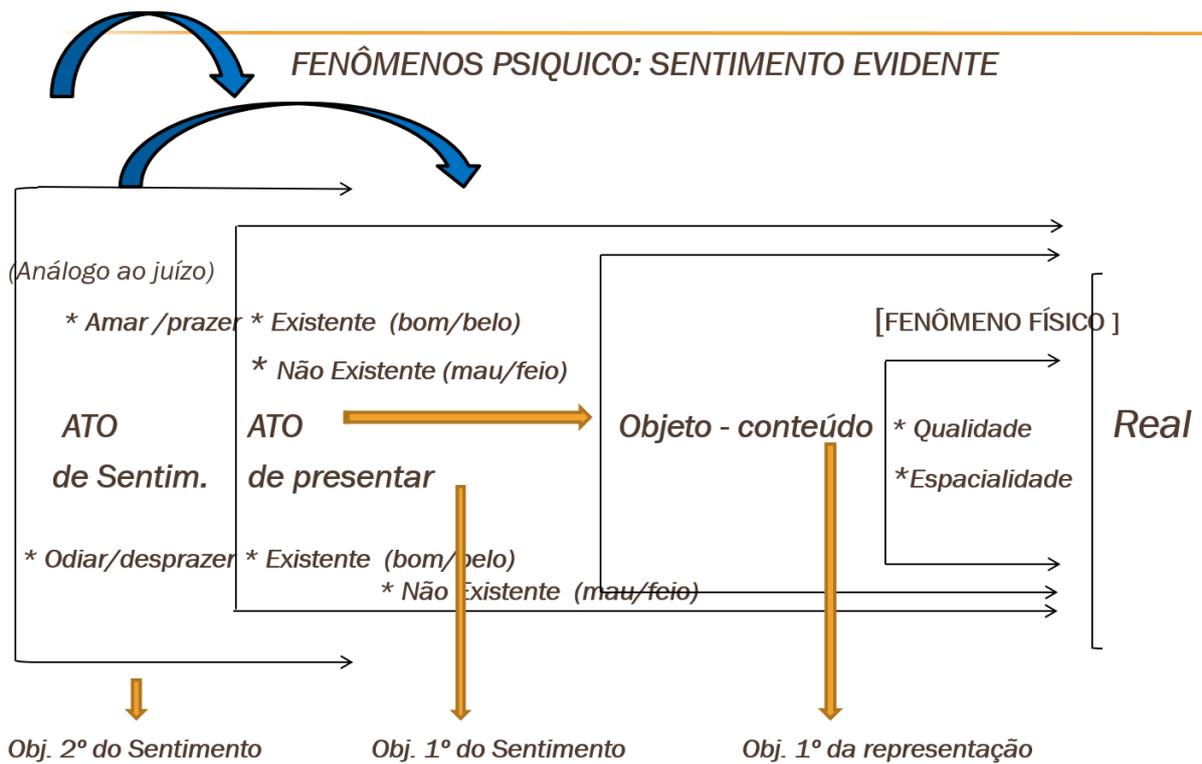
O ponto fundamental a ser observado, no entanto, está no fato de que a fundamentação da estética proposta no programa de pesquisa de Brentano não se ocupou primeiramente das propriedades do objeto. Tal como no caso dos atos de julgar algo como verdadeiro, a originalidade brentaniana estava no fato de que o *método psicológico* permitiria a descrição do sentimento, o qual conteria o ato de apresentar e um objeto apresentado como belo ou feio como suas partes constituintes. Neste sentido, o que garantiria o valor estético de um objeto seria, primeiramente, o fato de ele ter sido dado na percepção interna e imediata como parte de um sentimento estético. Por isso, disse Brentano:

---

<sup>9</sup> Bem observado, as relações esquematizadas servem também para elucidar a verdade (evidente) dos juízos apodícticos e a verdade (modal) dos juízos problemáticos. No entanto, esses dois pontos fogem aos propósitos desse trabalho.

Se algo será belo ou não e, em caso afirmativo, em que grau, não pode ser deduzido com base em prazeres elementares que são fundamentados na experiência e que são combinados de uma maneira específica, mas deve ser testado pela experiência imediata (BRENTANO, 1959, p. 23).

Formulada desse modo, a descrição brentaniana do sentimento estético, ou seja, daquele tipo de emoção em que algo é apetecido como belo ou feio, pode ser ilustrada conforme o diagrama abaixo.



O fundamental a ser observado nessa esquematização é o fato que a descrição brentaniana do sentimento, tanto o moral como o estético, também distinguiu os dois *modos emotivos* e os relacionou aos dois *modos de ser do objeto imanente* apresentado como conteúdo da apresentação. Vejamos o caso que nos interessa, ou seja, o sentimento estético.

- i. Por um lado, o ato emotivo (ou sentimento) pôde referir-se à apresentação de dois modos distintos, ou seja, o ato emotivo acerca de uma apresentação foi descrito por Brentano como:
  - a. Ato de aprazer.

- b. Ato de desprazer.
- ii. Por outro lado, a própria apresentação, que estaria na base do ato emotivo, seria também um ato dirigido ao objeto imanente, ou conteúdo, apresentado. Assim, o modo de ser do objeto imanente, enquanto conteúdo, foi descrito de dois modos distintos:
  - a. Modo de ser como (esteticamente) existente.
  - b. Modo de ser como (esteticamente) não-existente.
- iii. Ao descrever as quatro relações possíveis entre os dois *modos de se referir* e os dois *modos de ser*, Brentano explicitou a origem do conceito de belo e feio:
  - a. Belo:
    - i. Ato (emotivo) que apraz o (esteticamente) existente.
    - ii. Ato (emotivo) que desapraz o (esteticamente) não-existente.
  - b. Feio:
    - i. Ato (emotivo) que apraz o (esteticamente) não-existente.
    - ii. Ato (emotivo) que desapraz o (esteticamente) existente.

Esta esquematização nos leva a um passo fundamental da proposta de fundamentação da estética no programa de pesquisa de Brentano.

Primeiramente é preciso relembrar que seu ponto fundamental estava no fato de que o *método psicológico* garantiria a possibilidade da percepção do sentimento estético como um *fenômeno psíquico*, bem como das relações entre suas partes constituintes. Por isso, a esquematização acima mostrava também que as especificidades das relações entre os dois *modos dos atos emotivos* e os dois *modos de existência dos correlatos apresentados* explicitariam uma hierarquia entre os tipos de relações sentimentais possíveis. Valendo-se da indistinção entre sentimento estético e sentimento moral assumida no seu programa de pesquisa, Brentano descreveu tais relações do seguinte modo:

Para que um ato da atividade sentimental possa ser chamado puramente bom em si mesmo, é necessário que:

- (1) ele seja justo,  
e que:

- (2) seja um ato de agrado (amor), e não de desagrado (ódio).  
 Se falta uma ou outra condição,  
 - em certo sentido já é mau em si mesmo.  
 A alegria no mal alheio é má pelo primeiro motivo e a dor ao contemplar a injustiça é má pelo segundo motivo. De acordo com o princípio da adição, se faltam ambas as condições, então é pior ainda (BRENTANO, 1969, p. 81).

Em função do exposto, e dada a corretude que se explicita a partir das relações possíveis entre os dois *modos do ato emotivo* e os dois *modos de ser do correlato* apresentado, uma esquematização possível daquilo que Brentano classificou como origem psíquica dos conceitos de belo e feio seria, portanto, a seguinte:

#### ATO DE SENTIMENTO

Belo	Ato JUSTO de aprazer o (esteticamente) existente
	Ato JUSTO de desprazer o (esteticamente) não-existente
Feio	Ato INJUSTO de aprazer o (esteticamente) não-existente
	Ato INJUSTO de desprazer o (esteticamente) existente

Finalizamos, assim, a apresentação do modo como Brentano sustentou, valendo-se do *método psicológico*, a fundamentação da estética no seu programa de pesquisa. No entanto, ainda que seja como considerações finais, algo precisa ser dito acerca das relações entre os dois *modos do ato emotivo* e os dois *modos de ser do correlato* apresentado.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que não tenha sido o caso de tematizar a indissociabilidade entre a fundamentação da estética e da ética no programa de pesquisa de Brentano, cabe ao menos considerar sua indistinção quanto ao conceito de melhor. Em outras palavras, há uma hierarquia estabelecida pela justeza, ou o caráter apropriado, das relações entre os dois *modos do ato emotivo* e os dois *modos de ser do correlato* apresentado. No entanto, Brentano demonstrou, em sua obra *Origem do*

*conhecimento moral* (1889), como a fundamentação dessa hierarquia moral e estética se fundamentava na descrição dos *atos de preferência superior*, pois tais atos psíquicos originariam o conceito de *melhor*. Em suas palavras, é evidentemente melhor “(1) preferir algo bom (ou belo) e conhecido como bom (ou belo) a algo mau (ou feio) e conhecido como mau (ou feio). Dá-se também (2) o caso de preferir a existência de algo conhecido como bom (belo) a sua não existência, ou a não existência de algo conhecido como mau (feio) a sua existência” (BRENTANO, 1969, p. 25). Nesse sentido, o conceito de melhor hierarquizaria esteticamente os tipos de relações, entre os dois *modos do ato emotivo* e os dois *modos de ser do correlato* apresentado, conforme a coluna direita do quadro abaixo:

MELHOR	1. Ato psíquico justo e de aprazer (o aprazer justo valorado como belo).
	2. Ato psíquico justo e de desprazer (o desprazer justo valorado como belo)
	3. Ato psíquico injusto de aprazer (o aprazer injusto valorado como feio)
	4. Ato psíquico injusto de desprazer (o desprazer injusto valorado como feio)

Com isso, ainda que por outro caminho, concordamos com Heumer (2017), e entendemos ter mostrado também que o principal interesse de Brentano teria sido estabelecer as bases teóricas para a estética e revelar sua relação com a sua psicologia descritiva. Tudo isso, claro, na esperança de que estudantes ou futuros estetas assumissem a liderança e elaborassem uma teoria estética abrangente sobre essa base.

## REFERÊNCIAS

BRENTANO, F. *Das Genie*. Berlin: Duncker & Humblot, 1892a.

\_\_\_\_\_. *Das Schlechte als Gegenstand dichterischer Darstellung*. Berlin: Duncker & Humblot, 1892b.

\_\_\_\_\_. *Grundzüge der Ästhetik*. Bern: Francke, 1959.

\_\_\_\_\_. *Vom Ursprung sittlicher Erkenntnis*. 4. ed. Hamburg: Feliz Meiner, 1969.

\_\_\_\_\_. *Psychologie vom empirischen Standpunkt*. 2 Bde. Hamburg: Felix Meiner, 1971.

\_\_\_\_\_. Vom Psychologismus. In: *Psychologie vom empirischen Standpunkt*. 2 Bde. Hamburg: Felix Meiner, 1971.

\_\_\_\_\_. *The Foundation and Construction of Ethics*. Trans. E. H. Schneewind. London: Routledge, 1973a.

\_\_\_\_\_. *Psychologie vom empirisch Standpunkt: Erster Band*. Hamburg: Feliz Meiner, 1973b.

\_\_\_\_\_. *Wahrheit und Evidenz: erkenntnistheoretische abhandlugen und briefe*. Hamburg: Felix Meiner, 1974.

\_\_\_\_\_. *Deskriptive Psychologie*. hrsg. V R. M. Chisholm u. W. Baumgartner. Hamburg: Meiner, 1982.

\_\_\_\_\_. *Descriptive psychology*. Tradução de B. Müller. New York: Routledge, 1995.

\_\_\_\_\_. *Psychologie vom empirischen Standpunkte*. In T. Binder & A. Chrudzimski (Ed.), *Band 1 Psychologie vom empirischen Standpunkt. Von der Klassifikation psychischer Phänomene* (pp. 1-290). Berlin, Boston: De Gruyter, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Von der Klassifikation der psychischen Phänomene*. In T. Binder & A. Chrudzimski (Ed.), *Band 1 Psychologie vom empirischen Standpunkt. Von der Klassifikation psychischer Phänomene* (pp. 291-426). Berlin, Boston: De Gruyter, 2008b.

\_\_\_\_\_. *O conceito de verdade*. Trad.: BRITO, Evandro O. São José: Editora Centro Universitário Municipal de São José, 2014.

\_\_\_\_\_. *As teses de habilitação [Die Habilitationsthesen]*. *Revista Guairacá de Filosofia, Guarapuava-PR*, v. 33, n. 2, p. 160-168, 2017.

\_\_\_\_\_. *Textos seletos*. Trad. Evandro O. Brito et all. 1 ed. Guarapuava: Apolodoro Virtual Edições, 2023.

\_\_\_\_\_. *Vom Ursprung sittlicher Erkenntnis*. Leipzig. Duncker & Humblot, 1889.

BOCCACCINI, F. Brentano's use of mental act. M. Antonelli and F. Boccaccini (eds), *Franz Brentano, vol. 2 - Intentionality and Philosophy of Mind*, Routledge Critical Assessment of Leading Philosophers Series, London, Routledge, p. 356-373, 2019.

BOCCACCINI, F. *Psicologia Moral e Perfeccionismo em Brentano*. Trad. Evandro O. Brito. *Guairacá Revista de Filosofia, Guarapuava-PR*, v.37, n.1, p. 254-271, 2021.

\_\_\_\_\_. *Brentano acerca do psicologismo e o background da fenomenologia*. *Revista Lumen*, v. 7, p. 51-72, 2022.

\_\_\_\_\_. Jaegwon Kim e a herança brentaniana na filosofia analítica da mente: considerações sobre o representacionalismo. *Perspectiva Filosófica* (UFPE), (Prelo).

FIGUEIREDO, C. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Editôra Tavares Cardoso & Irmão, 1925. [The Project Gutenberg EBook of Novo dicionário da língua portuguesa], 2010.

FRECHETTE, G. Phenomenology and Analytic Philosophy. in D. De Santis, B. Hopkins, C. Majolino (ed.), *Handbook of Phenomenological Philosophy*, London, Routledge. 2021.

HUEMER, W. Brentano on Beauty and Aesthetics. In Uriah Kriegel (ed.), *Routledge Companion to Brentano and the Brentano School*. London & New York: Routledge, 2017.

HUSSERL, E. Erinnerungen an Franz Brentano. In: Kraus, O. *Franz Brentano. Zur Kenntnis seines Lebens und seiner Lehre*. Munich: Beck, p. 151-167, 1919.

PORTA, M. Brentano y el 'Método psicológico'. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 45, n. 142, p. 327-344, Mai/Ago, 2018.

PORTA, M. Sobre el término 'psicologismo': una consideración histórica. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 48, n. 151, p. 453-481, Mai/Ago, 2021.